

## O RABUGENTO

PERIÓDICO LITTERARIO, CRITICO E NOTICIOSO

PUBLICA-SE TODOS OS DOMINGOS

PREÇO DAS ASSIGNATURAS

POR UM ANNO. . . . 10\$000 — POR SEIS MEZES . . . 5\$500 — POR TRES MEZES. . . 3\$000

## O RABUGENTO

As dores physicas, são o effeito da enfermidade do corpo; as dores moraes são o effeito da enfermidade da alma.

A's vezes, os revezes na vida, nos trazem a dôr moral, mas quasi sempre, as enfermidades têm uma origem differente daquella que nós julgamos.

A dôr physica, muitas vezes tem a sua origem nos nossos extravagantes gozos; o abuso é quasi sempre o motor, assim tambem as dores moraes têm a sua origem no abuso que fazemos dos sentimentos de nossa alma; as desordenadas idéas são a causa dos nossos males.

O homem, pôde ser acabrunhado pelas dores moraes, sem que no entanto possa ter concorrido para esse estado. Mas o maior numero dos que soffrem, o maior numero desses que se dizem victimas da fatalidade, nada mais são do que victimas de si proprios, e do seu genio mais ou menos indolente, mais ou menos activo, creador e exigente.

O amor de nós mesmos, o extremo desejo de gozo que ás vezes não sabemos buscar, são quasi sempre a principal base dos soffrimentos moraes da maior parte dos individuos.

Concordo que elles não tiveram parte em sua organização, porém, têm parte nos habitos de que se deixam escravizar, que, como sabemos, tem a propriedade de alterar o nosso genio, mudar a nossa indole.

Se pois, tudo nasce do estudo, tudo nasce da educação de nossa alma, tratemos de educa-la.

Aquelle que se respeita, que zeloso do seu caracter procura na sociedade em que vive, um ponto de apoio á sua dignidade, deve cautellosamente guardar o respeito alheio. O que em tempo se humilha mais se eleva.

Assim pois, o homem pensando em sua nullidade; por isso que aquillo de que se poderia orgulhar, não tira a sua origem do seu estudo, e por conseguinte só deve ao ente creador, deve humilhar-se e resumir-se ao simples estudo dos dotes, de que pela educação pôde elevar a sua alma, independente do que deve á sua organização.

E' isso que procurámos estudar. Mas estudar sem egoismo, e por conseguinte, apresentando o resultado dos nossos estudos aos que menos observadores, ou distraídos por esses loucos gozos de que fallámos, ou mesmo pela idade ainda pouco inclinada á observação, só vêm

aquillo que satisfaz a sua vaidade pueril, o seu amor proprio nascente, desprezando as mais santas leis do dever.

Observemos:

Não vos move o sentimento, não vos promove mesmo, permitta-se-nos dizer, a inveja; o acolhimento que encontram aquelles, que a sociedade tem collocado em posições superiores ás nossas, quando estão nas nossas condições?

O apreço de que alguns jovens, nas condições em que vos achais, encontram nas casas de familias em que por ventura tem entrada?

Esse acolhimento, essa importância a que damos tão justo apreço, elle a conquistou pelos seus precedentes. Salvo quando ella é immerecida, porque então, como sempre, e como consequencia, da falsidade cae e não se conserva. Esses precedentes o que vêm a ser mais do que o acurado estudo e vigilancia sobre si mesmo?

A educação primitiva, é quem mais influe na nossa moralidade, é por assim dizer a base do edificio moral. Porém nós o conhecemos por experiencia propria, que se esse edificio não for cuidadosamente conservado, acaba por abater, e perder-se o melhor material empregado.

Temos visto mais de uma vez levantarem-se á força de perseverança e constante trabalho, bellos edificios moraes, em menos tempo do que se pode imaginar.

Hoje a mocidade é olhada com pouca attenção pela gente de certa ordem social; e porque? será porque ella agora valha menos do que outr'ora? Não. E' porque a sociedade desmoralizada pelo luxo, que tudo arrasta e corrompe, lança sobre esses filhos queridos em quem o paiz mais confia, em quem tem todas as suas esperanças, a duvida sobre a sua honestidade.

Não pôde hoje apresentar-se em nossa sociedade um joven trajando com algum luxo; a duvida pousa sobre a sua conducta, todos o olhão com mais ou menos desrespeito, menoscabando a sua dignidade e rebaixando os seus sentimentos. Alguns ha que vão além da duvida e da suspeita.

Se não temos aqui de culpar a policia; se não temos aqui de fazer considerações; não sei a quem se tenha de culpar, a não ser ao chefe da familia a quem esse joven pertença; os chefes são dons, o da familia social e o da familia particular: onde se ata os mais elevados e nobres sentimentos infantil, e só se entrega ao seio da sociedade, quando a sua alma já se acha em um estado de desmoralização tal, que

as palavras não podem exprimir, nem ha linguagem propria para descreve-la; porque a corrupção ainda não chegou a esse ponto, inda se guardam as conveniencias sociaes.

## TYPOS.

### OS CRITICOS.

#### III.

A critica moderada e cortez é um incentivo de aperfeiçoamento. Ao passo que a vaidade estulta e ignorante repelle com arrogancia, e blasphema daquelle que encontrou defeitos em suas produções, e, que foi bastante ousado para os apontar; as intelligencias modestas, principiantes, ou de reputação já formada, mestres ou discipulos, aceitam com prazer conselhos de quem, desprevenido e imparcial, pôde julgar a sangue frio do merecimento de qualquer obra.

O critico consciencioso é parco na censura, e ainda mais parco no louvor; aponta os defeitos sem acrimonia, e aconselha, sem emphase, evitando sempre ferir o amor-próprio dos autores.

Não é, porém, essa especie de criticos que tentamos descrever.

Existe na nossa sociedade uma classe numerosa de individuos, a quem a propria vaidade, ou a ignorancia de outros, deu diploma de litteratos.

Sem principios, sem habilitações, e baldos de intelligencia, julgam-se sabios e talentosos, e, como tal, no caso de decidir sem appellação do merecimento de tudo e de todos.

Vede-os reunidos: a questão versa sobre litteratura; critica-se; zoilos sem consciencia, ve-los-heis procurar defeitos nas obras de maior merecimento, abocanhar a reputação dos melhores autores.

Nenhum escapa, nem os seus proprios; pois se qualquer delles se retira, os que ficam censuram e combatem as opiniões com que ha pouco todos concordavam; passam a trata-lo de orgulhoso, ignorante, plagiario, etc.

Se por acaso, um destes criticos improvisados tem á sua disposição as columnas de qualquer jornal, vê-lo-heis verter a bilis que a inveja e o despeito lhe faz extravasar da alma sobre os escriptos que lhe vão parar ás mãos.

Tudo lhe serve para argumento de critica, copia trechos isolados, transtornando-lhes o sentido, e, quando Deus quer, a vida privada do autor vem tambem servir a fazer carga á obra.

Temos visto vocações decididas, talentos modestos, mas aproveitaveis, que para o futuro poderiam servir de gloria ao paiz, serem desviados pela critica incensata e egoistica e mortos pelo ridiculo.

E' preciso grande força de vontade para transpor o circulo vicioso em que se acha encerrada a litteratura no Brasil; não deve isso, porém, desanimar os jovens estudiosos que pretendem dedicar-se ao cultivo das letras.

Com consciencia do seu talento, devem avançar com passo firme, sem se importar com os escolhos, que se-

mêm pelo caminho espiritos mesquinhos que, baldos do verdadeiro talento, que só pôde dar nomeada, procuram por todos os meios afastar os que lhes podem fazer sombra.

A. P—a.

## POESIAS.

### ANONYMAS.

#### A. R.

Tenho na idéa contigo,  
Teu retrato em sonho activo;  
Se morro, morro contigo,  
Se vivo contigo vivo !...

Nas trevas em que me interno,  
Os teus olhos supprime a luz;  
Um raio a mente me inflamma.  
Outro raio me seduz.

Se acordo e busco nas salas,  
No ruído o sonho esquecer !  
As vozes são tuas fallas,  
Olho e não te posso ver !

Cada phrase é um discurso,  
Que me falla ao coração;  
Na tua ausencia recresco,  
Minha saudosa afflicção.

Se busco os campos, ás flores  
Mostram teu rosto nos seus !  
Mas se augmentam minhas dores,  
Recrescem pezares meus !

Da flor a graça, a innocencia,  
Revela tua candura;  
Os seus perfumes teus dotes,  
A côr tua formosura.

Se pelo bosque me interno,  
Da brisa o brando rumor;  
Parece o teu riso terno,  
Ingenua expressão d'amor:

No ruído triste da brisa,  
O metal da tua voz;  
Parece dizer-me, escuta:  
« O tempo corre veloz !... »

Ouço do passaro o trinado,  
Augmenta-se a nostalgia,  
E commovido, inspirado,  
Meu canto a dôr annuncia.

A triste queixa do passaro,  
Sem eco na solidão,  
Me lembra que serás surda,  
A minha terna canção !

11 de Outubro de 1862.

## A GRATIDÃO.

Moradia d'amor, fonte de dotes,  
Do—bello—imagem, da virtude filha,  
Oh! como é feliz quem te conhece,  
Quem a tua missão adopta e trilha!

Vem, santa gratidão, illuminar-me;  
Vem dar vida a meu ser, eu sou teu filho!  
Escuta esta minh'alma, inda tão fraca,  
No seculo duvidoso que hoje trilha.

Tu és a salvadora d'amizade;  
Tu és a crença, que elevando a alma,  
Novo elemento em seu seio entornas  
Dando-lhe, da santa paz, socorro e calma!

Vem, oh! filha do céu, do mundo arranca  
Essa falta de fé que o prejudica;  
Salva, este seculo, e do homem a imagem,  
Com a do Salvador á idéntica!

Vem, eu te peço, me seguides sempre,  
Eu preciso de ti, te adoro e quero,  
Se me não vens seguir, do ser que tenho  
De homem, eu deiro e degenero.

Não te quero deixar, o meu instinto  
Me impõe esse dever, quero seguir-te;  
Vem me servir de guia no caminho;  
Eu quero no meu peito possuir-te!

Sim, eu te conheço...e de teu balsamo,  
Sinto meu peito orvalhado e forte!...  
Mas quero que me ajudes, sempre,  
Tua estrada seguir, seguir teu norte!

Rio, 14 de Agosto de 1862.

H. H. COUTINHO.

## MOTTE A' PREMIO.

*Paixão de amor o que é?*

## GLOSA.

E' não dormir nem comer,  
Não ter de seu um real,  
E'jazer n'um hospital,  
Tolhido sempre a gemer;  
E' ou matar ou morrer,  
Não ter esp'rança nem fé,  
Ter cavallo o andar a pé;  
E' ter cabeça de vento;  
Eis ahí meu *Rabugento*,  
*Paixão de amor o que é.*

## A \* \* \*

Vêde o sol que surgindo no horizonte  
Caminha lentamente;  
Até que finda a missão constante  
Se occulta no poente.

Vêde a aurora, surgindo ao som da orchestra  
Dos meigos passarinhos;  
E a brisa que travessa vem sandal-a  
Com seus ternos carinhos.

Do oceano vêde o espectáculo  
Que ás vezes apresenta;  
Ou então ide ao campo e vêde o gado  
Que o pastor apascenta.

Do cume da montanha que quizeres,  
Olhai para o infinito;  
Contemplai com prazer, da natureza,  
O quadro mais bonito!

Ide ver também lá no cemiterio,  
Por terra a vaidade;  
E lá verás tu, do pobre mundo,  
A triste realidade!

As scenas que te mostro, são a prova  
Da existencia de Deos!  
De Deos, querida, de quem sômos filhos:  
Que nos vê lá dos céos.

Curvêmos, pois, com fé, as nossas fronte  
Ao Ente creador;  
E só tu, meu anjo, depois d'elle,  
Terás o meu amor.

RIVERA.

## DEUS.

*Benedictus Dominus, Deus Israel.*  
(Ps).

P'ra qualquer parte qu'eu acrave os olhos  
Vejo mysterios e preceitos teus;  
Na flor, no prado, no perfume, em tudo  
Eu reconheço teu poder — meu Deus!

Pela manhã, no alvorear do dia  
Se do sol vejo radiante luz,  
Minh'alma s'enche de prazer e jubilo  
Reconhecendo teu poder — Jesus!

Se á noite vejo no Empyreo a lua  
Campeando envolta n'um mortal palor,  
Minh'alma é triste ao contempla-la assim,  
Mais reconheço teu poder — Senhor!

Ao ver o brilho do relampago horrivel  
Esclarecer o nebuloso céu,  
Eu julgo ser a tua imagem — Deus,  
A'quem de um negro condensado véo.

Eu reconheço teu poder no embate  
Das espumantes e continuas vagas.  
Que lutam rijas n'um cruel gemer.  
Em nossas bellas arenosas plagas.

Ea reconheço teu poder em tudo  
Que chegar pôde aos sentidos meus;  
E de joelhos a teus pés, eu juro,  
Que reconheço teu poder — meu Deus!

Quem ha que possa duvidar que existe  
Um Deus potente, caridoso e grande?  
Que lá no templo em orações ferventes  
O seu poder e magestade expõe?

Rio, 1862.

G. P.

— — —  
A . . .  
MOTTE.

*Já não ha p'ra mim doguras  
Passo a vida em amarguras!...*

## GLOSA.

Já não resta uma esperança  
A meu coração opprimido,  
Na fronte trago a lembrança  
De um amor que foi trahido:  
Amando sem ser amado.  
Hoje só sinto torturas  
Na alma; — fui despresado  
*Já não ha p'ra mim doguras!*

Da donzella que eu amei  
O amor julguei ser meu!  
E ditoso eu me julguei;  
Quão insensato fui eu  
Por nutrir no peito amor!  
Pensando gosar venturas,  
Onde só encontrei dôr,  
*Passo a vida em amarguras!...*

Novembro de 1862.

Ol.—

## THEATROS.

Hontem, depois de ter tomado minha boa chicara de café, passeava por uma das mais bellas ruas da cidade, quando sem mais nem menos, acho-me com um bilhete de beneficio na mão; quiz recuar, porém, como era da sympathica actriz Adelaide, não tive remedio, cahi com o cobre.

Preparei-me: puz os collarinhos em pé, e ás oito horas e um quarto, mais minuto menos minuto, achei-me repimpado em uma das cadeiras do Gymnasio, que, a fallar a verdade, são as melhores que se encontram nos theatros da corte.

Apenas entro, sou cumprimentado por innumeras pessoas do illustre auditorio (grande cousa é ter popularidade).

Representava-se — *A filha do ladrador*, — bello drama, — o Gymnasio desceu de sua dignidade; esse drama que tinha sido tão bem representado em outro tempo, hontem escorregou um degráo em lugar de subir dous. Um menino que, accostumado á *Romã encantada* e a outras patacoadas que já aborrecem, foi-se metter em apuros, e querer entrar na escola moderna, para o que ainda é cedo, e precisa um anno de estudo atrás dos bastidores.

A sympathica actriz D. Adelaide foi entusiasticamente applaudida (como merecia, não lhe fizeram obsequio algum) vio-se em um desses instantes ebrios de gloria para o actor, agradecendo ao publico, tendo a seus pés prostados innumeros bouquels, que demonstram quanto a estimamos; então, senti não levar tambem o meu.

No domingo ultimo, teve lugar em S. Pedro, a grande representação — *Uma promessa ao Senhor Bom Jesus do Monte* — tive medo de lá entrar; pouco mais ou menos já faço idéa do que era, porém, prometto o mais breve possível, dar-lhes noticia de tão grande cousa, segundo dizem.

O grande Arthur Napoleão deu o seu ultimo concerto, em beneficio; em cada um dos quatro pianos, duas mãos tocavam uma só peça em cada um delles. ouvi tanta cousa, tanta barulhada, que vim para casa ainda mais rabugento do que estava, na verdade despediu-se bem — adeus até a volta, *au revoir*.

F. B.

## CHARADAS.

1.ª

O defunto tem. . . . . 1  
Se um — e — mjunc lares,  
O defunto não tem. . . . 2

CONCEITO.

O defunto tem.

J. C. E.

2.ª

Se — to — me juntares  
Um nome me tem. . . . 1  
Em dias de festas  
E no ovo tambem. . . . 2

CONCEITO.

Pertence ao reino animal,  
Que n'um elemento mora;  
E do reino vegetal.  
Sou tambem: — dicifre agora.

## ANAGRAMMA.

E queres tu a testa?

Typ. do DIARIO DO RIO, rua do Rozario n. 84.